

DURAFFOURG, J. La relation santé-travail: une question complexe. In: CASSOU, B.; HUEZ, D.; MOUSEL, M.L.; SPITZER, C.; TOURANCHET, A. (s/d) **Les Risques du Travail**. Pour ne pas perdre sa vie à la gagner. Paris, Éditions La Découverte, 1985. 640p. (p.21-27)

A Relação Saúde-Trabalho: uma questão complexa

Jacques Duraffourg

(...)

SAÚDE OU DEGRADAÇÃO DA SAÚDE (p.22)

Os temas em debate na sociedade (...) são relativos aos riscos de degradação da saúde em relação às condições de execução do trabalho.

Interessar-se somente pela degradação da saúde do trabalhador é reduzi-lo a um estado caracterizado pela ausência de doenças ou de ameaças funcionais ao seu organismo. É assim que as questões são habitualmente formuladas: tal trabalhador está submetido ao risco de surdez, tem uma lombalgia, uma doença de pele? Na medida em que as respostas são negativas, admite-se que o trabalhador goza de boa saúde. Seu estado foi, portanto, julgado através de um exame separado de cada um de seus órgãos ou de cada uma de suas funções passíveis de terem sofrido uma degradação.

Os mesmos fenômenos de redução e de separação acontecem na ocasião em que as condições de execução do trabalho são, isoladas, objetivo de um exame: o nível sonoro não é demasiadamente elevado, as dimensões do posto de trabalho são corretas, os produtos manipulados são tóxicos, ...? Esta maneira de interrogar-se faz desaparecer o trabalho propriamente dito, a atividade do trabalhador, por trás de suas condições de realização. Se estas não atingem um nível de perigo, quando são examinadas separadamente, uma a uma, uma conclusão parece impor-se: o trabalho não trará conseqüências à saúde do trabalhador.

Nestas condições, a relação entre a saúde e o trabalho será reduzida a uma série de questões isoladas umas das outras: o fator ruído e o risco de surdez; o fator dimensão do posto e o risco de lombalgia; o fator toxicidade e o risco de doenças de pele, ...

A idéia atual da relação saúde-trabalho é uma soma limitada de fatores de risco e de ameaças patológicas particulares.

Examinar cada uma destas relações é uma condição necessária, mas não suficiente, para abordar com seriedade os efeitos do trabalho sobre a saúde. Trata-se de perguntar-se como, no seu trabalho e através dele, os homens e as mulheres dispõem dos meios para ter boa saúde. Colocada desta forma a questão implica, além da realidade atual do trabalho, uma reflexão mais ampla sobre o que a vida profissional deveria ser para permitir aos trabalhadores gerenciar seu capital saúde.

O PESO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO (p.23)

Atualmente a maioria das reflexões e orientações de ação são determinadas por uma concepção de saúde no trabalho limitada a uma relação termo a termo entre as condições de trabalho e as degradações da saúde.

Esta concepção foi historicamente forjada na grande indústria com a extensão do regime assalariado. O taylorismo, enquanto forma acabada de um certo modo de desenvolvimento do trabalho industrial, organizou o desmembramento do homem-trabalhador em um certo número de órgãos de execução, reduzindo-o assim a apenas uma força de trabalho específica. Para isto, o trabalho é isolado do resto da vida (...). O próprio trabalho foi dissociado em funções separadas umas das outras. Sobre a base da grande divisão entre os que pensam e os que executam, organizou-se um processo de divisão exagerada do processo de produção. Cada um deve realizar sua tarefa independentemente dos outros trabalhadores: ao lado dos utilizadores do dispositivo técnico, isolados uns dos outros, encontram-se os reguladores, os programadores, os trabalhadores da manutenção, os controladores.

(...)

Esta busca por uma racionalização de sua atividade, que se exprime quotidianamente pelas instruções, pela organização do espaço, a condicionante temporal, "pesa" sobre o trabalhador como uma vontade exterior que procura reduzi-lo a ser apenas um apêndice da máquina.

Numerosos estudos mostraram os limites desta tentativa de redução do homem à sua força de trabalho. No entanto a organização do trabalho se impõe ao trabalhador como a negação de sua unidade de vida e de sua pessoa. Deste ponto de vista, ela é o primeiro fator a considerar na relação saúde-trabalho.

CONHECIMENTOS FRAGMENTADOS (p.23, 24)

O modelo de desenvolvimento industrial repousa sobre esta divisão do homem-trabalhador que vende sua força de trabalho. O Taylorismo organizou concretamente esta divisão no ateliê com uma pretensão científica (...). O desenvolvimento dos conhecimentos sobre o trabalho foi fortemente influenciado por esta demanda industrial. Para as diversas disciplinas constituídas, o trabalho é apenas um campo de estudo ou de aplicação. Assim a fisiologia, a psicologia, a sociologia têm cada uma sua ramificação "trabalho" (...) correspondente a um espaço, dentre outros, de estudo e de experimentação de modelos parciais do funcionamento do homem.

O estudo do funcionamento de um músculo do olho humano, dos procedimentos necessários à resolução de um problema, ou dos modos de constituição de um grupo, são evidentemente necessários. Mas, quando os resultados destes estudos são aplicados ao trabalho sem estarem situados em relação a *todos* os outros componentes da atividade do trabalhador, podem ser utilizados como uma justificativa científica da divisão do homem tal qual organizada no ateliê ou no escritório.

(...) Nestes estudos o trabalhador (...) é apenas um "objeto de observação". No entanto, o que pensa o trabalhador, seu conhecimento sobre o trabalho, suas motivações, são uma parte constitutiva de sua atividade profissional. Quando a forma de constituição dos conhecimentos expurga o discurso do trabalhador, deve-se desconfiar da validade dos resultados.

É por isso essencialmente que possuímos apenas conhecimentos fragmentados sobre o trabalho, cuja utilização é freqüentemente problemática. Esta forma de abordagem da relação saúde-trabalho tem origem em uma representação dominante (...). Enunciados tais como: "trabalho sob condições de ruído", "problemas causados pela exposição a produtos tóxicos", "trabalho noturno", "problema térmico", "trabalho com monitor de vídeo" (...) têm em comum expurgar, pela forma como os problemas são colocados, a atividade concreta desenvolvida pelos trabalhadores nestas diversas condições.(...)

Na empresa, diversas práticas profissionais refletem e reforçam a preponderância dos fatores de risco na abordagem da relação saúde-trabalho. (...)

De forma crescente, os ergonomistas são igualmente chamados para modificar seletivamente certos elementos da situação de trabalho identificados como perigosos, penosos ou insalubres. Suas recomendações são freqüentemente solicitadas unicamente para a concepção da iluminação ou do mobiliário por ocasião da informatização da empresa, a concepção de dispositivos de controle quando o dispositivo técnico é informatizado; ou seja, espera-se de sua intervenção que contribua para reduzir os fatores de risco.

UMA OUTRA ABORDAGEM (p.25)

Um número crescente de profissionais (...) procuram uma forma para abordar os problemas do trabalho a partir de uma concepção positiva da saúde, interrogando-se sobre os meios indispensáveis aos trabalhadores para que possam construir sua saúde pessoal. (...) As situações de trabalho devem ser concebidas e organizadas em função dos trabalhadores, tal qual eles o são na diversidade de suas aptidões e possibilidades.(...) A organização da produção e tudo o que determina a situação concreta do trabalhador devem ser repensadas a partir das exigências e das possibilidades de equilíbrio e de desenvolvimento de cada um.

A ATIVIDADE DE TRABALHO É CENTRAL (p.25-27)

A atividade do trabalhador dá sentido aos diversos componentes da situação de trabalho e assegura a sua unidade (inter-relações e contradições).

Assim, a questão geral e abstrata do trabalho com monitor de vídeo é substituída pela questão da atividade concreta dos trabalhadores utilizando uma tela de visualização. Esta substituição tem como efeito a colocação, em primeiro plano, de variáveis diferentes de acordo com as situações como, por exemplo: a distribuição de tarefas, a concepção do programa informatizado, as relações com a clientela, a concepção da iluminação, etc.

A análise da atividade concreta faz surgir, dos diferentes fatores de uma dada situação, relações hierárquicas específicas. Ela coloca em evidência as contradições e orienta conseqüentemente a ação, não a partir de um problema definido *a priori* (a iluminação para o trabalho com monitor de vídeo), mas a partir dos mecanismos concretos do funcionamento do homem confrontado com uma tarefa particular.

A atividade de trabalho é um dos meios através dos quais o homem pode construir sua saúde, e a situação de trabalho é o local onde esta construção ocorre fundamentalmente. Considerar a saúde como um processo orientado para o futuro, e não como um estado resultante do passado, dá um significado inteiramente diverso à atividade e a seus diferentes componentes (físico, mental, psíquico, social, etc.). Neste ponto de vista, a análise da atividade concreta coloca em evidência, na situação de trabalho, os obstáculos às possibilidades de realização, pelo homem, de seu equilíbrio.

Na maioria dos casos, estes obstáculos não são inicialmente o que se chama de fatores de risco, mas a organização do trabalho, os limites na formação da população de trabalhadores, a recusa de recorrer às iniciativas e responsabilidades destes, a falta de informação, a economia de meios, etc.

Para enunciar princípios de ação eficazes em vista de melhorar as condições de trabalho e assegurar a saúde dos trabalhadores, deve-se portanto estar em condições de compreender intimamente a atividade de trabalho. É a partir deste ponto central que se pode insistir nos pontos seguintes:

- Não se trata de negligenciar, muito menos de ignorar, os fatores de risco. Trata-se de lhes colocar em relação com o conjunto de componentes da situação de trabalho e da vida do trabalhador.
- O conhecimento da população de trabalhadores e da atividade que esta desenvolve é uma condição indispensável para uma apreciação real dos perigos que as situações de trabalho, tal como atualmente organizadas, geram em relação à saúde dos trabalhadores.
- (...)
- Toda "medicalização" da relação saúde-trabalho é perigosa, como também toda abordagem especializada. Os diversos conhecimentos implicados pelo estudo da relação saúde-trabalho devem ser reorganizados a partir da atividade dos trabalhadores. Estes têm, conseqüentemente, um papel central a desempenhar.